



PIRACEMA

Boletim da Assessoria Técnica Independente das Regiões 4 e 5 | Outubro de 2026 | nº 20

- Festa de Nossa Senhora do Rosário movimenta a cidade de Paineiras
- Um pouco da história da comunidade de São José de Buriti em Felixlândia



► Carol e Vaninho, com seus filhos Nicolas e Davi, no Recanto do Funil em Pompéu

PAINEL DA REPARAÇÃO

EXPLICANDO O ANEXO 2

O Anexo 2 do Acordo Judicial de Reparação é dedicado à **Reparação Socioambiental da Bacia do Paraopeba**. Ou seja, à reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem da Vale ao meio ambiente. Ele é dividido em três eixos principais:



Anexo 2.1 – Recuperação Socioambiental

Trata do Plano de Recuperação Ambiental da Bacia do Paraopeba. Como a Vale é obrigada a reparar integralmente todos os danos identificados, o Anexo 2.1 não tem teto financeiro.



Anexo 2.2 – Compensação Socioambiental

Projetos de infraestrutura, preservação e melhoria urbana e ecológica. Um exemplo é o Programa de Saneamento Básico Universal para os 26 municípios atingidos. Também são previstas a revitalização de lagoas, proteção à fauna e flora e apoio a unidades de conservação.



Anexo 2.3 – Segurança Hídrica

Essa parte vai tratar de obras e outras intervenções para assegurar a resiliência e a qualidade do abastecimento de água nas Bacias do Rio Paraopeba e do Rio das Velhas.

Foto: Fabiano Lana/Guaicuy

ACOMPANHE TAMBÉM:

Fichas Populares das Perícias

A equipe do Guaicuy detalha os resultados dos estudos já realizados pelo Comitê Técnico Científico da UFMG



Giro das Comissões

Registros das atividades das comissões de pessoas atingidas das Regiões 4 e 5



JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mathias Botelho MTB 10126/PR | **TEXTOS JORNALÍSTICOS:** Laura Garcia, Mathias Botelho e Natália Ferraz | **DIAGRAMAÇÃO:** Matheus Ferreira | **REVISÃO:** Joana Tavares, Laura Garcia, Mathias Botelho e Priscila Justina | **COORDENAÇÃO DA COMUNICAÇÃO DA ATI PARAPEBA:** Mathias Botelho | **FOTOGRAFIA DA CAPA:** Jhen Loure

Instituto Guaicuy: Rua Brasópolis, 109 - Floresta, Belo Horizonte | CEP: 30150-170 | (31) 3024-9460
Contato para pessoas atingidas: (31) 97102-5001 | contato@guaicuy.org.br
LEIA TAMBÉM PELA INTERNET: www.guaicuy.org.br | [@institutoguaicuy](https://www.instagram.com/institutoguaicuy)

SÃO JOSÉ DO BURITI MUDA COM AS ÁGUAS

Era da agricultura que vivia o povo de São José do Buriti, em Felixlândia, antes da construção da represa de Três Marias. Quem conta é Vanderlúcio Ramos, que vive na comunidade há 52 anos. Ele faz parte de uma família de pescadores, mas foi com a construção da represa, que aconteceu entre 1957 e 1962, que a pesca entrou na rotina da população. Além da pesca artesanal, hoje em dia também são comuns os tanques de produção de tilápia.

Essa mudança, no entanto, não ocorreu de forma tranquila. Segundo Vanderlúcio, seu pai e seu avô relatam que os impactos da obra fizeram com que uma parte considerável da população tenha tido que ir embora para sobreviver. O trabalho com a pesca veio como uma alternativa de sustento para quem ficou por ali. E foi a pesca também que atraiu para a região muitas pessoas do Nordeste, que já sabiam lidar bem com esse ofício e viram na nova realidade da comunidade uma oportunidade. Muita gente se mudou e estabeleceu família na região.

A população, que viveu tantas mudanças com a construção da represa, foi novamente atingida pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, cujo rejeito correu pelo Rio Paraopeba e chegou até o Rio São Francisco. Vanderlúcio lamenta os impactos do de-

sastre-crime: “Antigamente era tranquilo, tudo de bom. Não era igual hoje. A gente anda com medo da água, porque a gente não sabe o que acontece. É um lugar bom, mas era melhor ainda sem esse rompimento”.

Com isso, mais uma vez a comunidade de São José do Buriti precisou se reinventar. Hoje, é no fortalecimento do turismo que a população encontra a esperança de retomada socioeconômica. Esse é um dos objetivos da Comissão CSV (Campina Grande, São José do Buriti e Várzea do Buriti), da qual Vanderlúcio faz parte: “Queremos mostrar pras pessoas e falar com os turistas que a gente tá trabalhando pra fazer o melhor pra eles aqui, pensando em fazer uma estrutura para recebê-los melhor”, conta.

Essa melhoria na infraestrutura ajudaria a melhorar a experiência dos turistas em eventos que já acontecem na região, como o Carnaval e a Barqueata de Nossa Senhora Aparecida, realizada anualmente em 12 de outubro. Além disso, a comunidade pensa em projetos que auxiliem os jovens a se manterem na própria comunidade. Quando não há lazer, capacitação e empregos, é muito comum que eles deixem cedo suas casas. “A gente pensa muito hoje na nossa juventude aqui, pra tirá-los do caminho ruim e levar pro caminho bom”, deseja Vanderlúcio.

Barqueata de
Nossa Senhora
Aparecida



O casal mantém um pequeno comércio e bar e pretende crescer o negócio em breve



Foto: Jhen Loure/Guaicuy

ENTREVISTA

REACENDER O COMÉRCIO PARA FORTALECER A COMUNIDADE

O casal formado por Ana Carolina Cordeiro da Cruz e Vanilton Campos Soares sofreu com o rompimento da barragem da Vale. O sonho de um comércio próprio foi adiado em 2019 e os dois tiveram que voltar a trabalhar na fazenda.

Agora, anos depois, eles estão montando novamente um bar e mercearia no Recanto do Funil, comunidade rural de Pompéu, às margens da represa de Retiro Baixo.

Carol e Vaninho, como são conhecidos, querem contribuir para a economia local e fortalecer os laços comunitários, ajudando na reconstrução do Funil. Eles e seus filhos nos receberam para uma conversa numa tarde de sexta-feira.

Confira trechos da entrevista

GUAICUY: Quais foram os caminhos da vida que trouxeram vocês aqui?

VANINHO: Ela morava na fazenda, perto da usina [de Retiro Baixo]. O pai dela tinha uma fazenda alugada lá, chamada Capão do Retiro. Ele trabalhava na fazenda, tirava leite, essas coisas. Eu vim para ajudar e conheci ela, né?

Depois, a gente foi morar junto, e montamos um barzinho ali, numa barraca de lona. Aí veio esse negócio da Vale, que estourou, e atrapalhou muito o movimento. Caiu o movimento. Eu estava começando, meu plano era comprar o lote ali e fazer um mercadinho. Mas não deu certo, a gente acabou saindo, teve que sair de lá e voltar para a fazenda de novo.

GUAICUY: Vocês lembram como foi a época do rompimento?

CAROL: Bom, foi tudo muito chocante, né? Todo mundo assustou muito. Muita gente falando que ia estourar tudo aí para baixo, que não ia sobrar nenhum peixe. Um monte de gente falando que era para gente sair daqui, que ia estourar a represa, que não ia suportar, porque era muita lama, era muito muito rejeito. A gente ouvia a sirene lá da casa da minha avó, os cavalos e os bichos escapuliram. Foi uma loucura. E o rio encheu muito.

GUAICUY: O que mudou aqui depois de 2019?

CAROL: Vinham muitos pescadores, vinha gente demais. Na casa da minha vó, é só pedra. Vinha gente pescar, nadar. Pessoal falava que era uma praia. Aí, gradativamente, pararam de ir. Fracassou bastante, o pessoal comprava bastante. Parava e falava assim: "hoje nós queremos tanto de galinha, tanto de ovo e tanto de queijo". E isso acabou.

GUAICUY: E agora, vocês voltaram a abrir um comércio aqui. Quais são os planos?

VANINHO: Reacender o comércio para chamar chamar a atenção de quem tiver chegando. Tem pessoas morando aqui, vivendo aqui. Muita gente agradece. É um ponto de apoio. Às vezes, acaba o gás da pessoa, aí ela tem que se deslocar até lá na cidade comprar um gás. É difícil para trazer, e eu tenho gás aqui pra vender. Em preço acessível, não é extorquindo ninguém.

Aí o pessoal vem mais animado. Na hora que chega, vê o mercadinho, vê um barzinho aí. Eu quero transformar em um mercadinho ainda, mas por enquanto ainda é um barzinho. Aí vê que tem um movimento.

Isso ajuda todo mundo, ajuda a comunidade toda. Porque vira um ponto de referência. Às vezes, a pessoa vem comprar um lote, vem olhar uma terra aí, tem parente aí, e se pergunta se tem algum lugar pra ir à noite. Um lazer, um petisquinho...

GUAICUY: Quais têm sido as dificuldades?

VANINHO: Tem que melhorar muita coisa. A gente não consegue financeiramente, não tem capital pra isso. Eu estou começando ainda, o que eu ganho aqui, eu retorno pra dentro de novo. Se eu ganhar cem reais, eu compro a mercadoria e jogo aí dentro de novo. Está sendo assim.



Foto: Jhen Loure/Guaicuy

O local também é um espaço de lazer para os moradores da comunidade

Se eu conseguir essa essa linha de crédito do Anexo 1.1, vou investir na melhoria no comércio. Eu vou montar a borracharia. É caro. Tudo da borracharia é caro. Eu quero montar uma borracharia para atender o pessoal e finalizar o comércio. Por enquanto, eu não tenho nem prateleira para colocar tudo. Quero comprar mais mercadoria, que é caro, e repor estoque. Tem que comprar mercadoria, prateleira, tem que comprar as coisas de borracharia. É isso aí que eu preciso.

GUAICUY: Como vocês se imaginam daqui a cinco anos?

VANINHO: Meu sonho é criar a minha família aqui. É tranquilo, sossegado, gosto daqui. Daqui a cinco anos, vai ter muito movimento. Muita família que quer vir morar aqui. Vai ser uma comunidade unida.

Tem várias comunidades aqui. Tem o Laranjo, tem o Funil, tem o pessoal do Seriema, do Sucupira, Balneário... Tem muita gente que tá junto aqui. Daqui a cinco anos, se Deus quiser, se eu puder estar aqui ainda, eu quero ter um estabelecimento bacana para atender todo mundo. Mais sortido, com mais mercadoria, com mais opção de atender bem o cliente.

CAROL: É muita coisa, mas daqui a cinco anos a gente vai devargazinho.



Aponte a câmera para o código e confira o vídeo-retrato de Carol e Vaninho no Youtube do Guaicuy!

<https://www.youtube.com/watch?v=-MKGtd-YYe8>

CORES, SONS E FÉ: O CONGADO EM PAINEIRAS



Na tarde de 22 de agosto, um sábado, muita gente estava trabalhando na organização do espaço em frente à Paróquia São Rafael Arcanjo, na sede da cidade de Paineiras. Todo mundo se ajudava na montagem das estruturas e na decoração da Festa de Nossa Senhora do Rosário, que acontece anualmente na cidade. As atividades começaram com a realização de uma missa na noite de sexta-feira e foram até o fim do dia no domingo.

Quem orquestrava a arrumação era Aldenice Oliveira da Silva, presidente da Associação do Congado de Nossa Senhora do Rosário na cidade. Toda a sua família coloca a mão na massa e ajuda a fazer o evento acontecer: “A Festa de Nossa Senhora do Rosário, pra minha família, é uma coisa muito importante porque vem das raízes dos meus avós. Falar deles me emociona porque desde que eu me entendo por gente, desde que eu entendo de congado, eu vi o meu tio trabalhar na festa. Em todas as procissões, ele estava descalço e aquilo me chamava muita atenção, porque eu via que ele tinha uma fé muito grande. E daí eu comecei a gostar e fui entrando...”.

O marido dela, João Paulo Xavier Neto, também faz parte. Ele conta que passou a se envolver na preparação depois do casamento, mas que seus pais sempre foram festeiros, ajudando na organização e na arrecadação de mantimentos. Sua mãe e ele

próprio também já foram congadeiros, e foi a partir disso que ele passou a ver o evento de outra forma: “Antes eu achava que era uma festa normal da cidade. Hoje eu já vejo totalmente diferente, através da fé e devoção. Foi pelo convívio com as guardas que eu passei a entender mais um pouco do sentido da festa. E com isso a gente vai igual árvore, só enraizando”.

O mesmo aconteceu com Vanessa Leonídia Ribeiro, que foi a Rainha de Nossa Senhora do Rosário na Festa deste ano. “Eu era pequenininha e dançava. Aí depois eu fui crescendo, a fé vai aumentando... E tudo que eu peço, ela [Nossa Senhora do Rosário] sempre me atendeu. Eu tenho muita fé, porque é ela que me protege mesmo, me guia. Ela ilumina a minha vida, dos meus dois filhos. Na hora que eu escuto o batido da caixa, meu coração treme, sabe? É muita emoção. Muita”.

Na cidade, antes mesmo da música começar, cada toque de pé no chão dos congadeiros que usam a gunga, um chocalho preso aos tornozelos, já vai dando ritmo à festa. Ainda no sábado, as guardas acompanharam os reis e rainhas de suas casas até as imediações da igreja, onde os mastros de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito foram levantados à noite.

RAÍZES DA TRADIÇÃO

Segundo a mãe de Aldenice, Baldoína Maria de Oliveira, foi a sua avó que começou com a tradição na



Foto: Fabiano Lana/Gaúchuy

região, história que se mistura com a própria ocupação do território. Ela conta que a família não queria mais morar em Martinho Campos e, em 1906, viajaram de carro de boi parando nas estradas, fazendo comida, dormindo, até chegar a um ponto um pau de paina — onde hoje fica a Prefeitura de Paineiras — e três casas nas redondezas. Esses moradores os ajudaram e, no dia seguinte, seguiram apenas mais 10 km de viagem até o local onde compraram uma terra e foram morar.

Quando padres missionários passavam pela região, rezavam missas e tinha o congado. Com o tempo, juntaram dinheiro para construir uma capela na região e passaram a fazer as próprias festas. “A minha bisavó e minha avó não davam conta de ficar sem rezar o terço e fazer as festividades de Nossa Senhora. Toda vida elas tiveram essa fé com Nossa Senhora do Rosário. E nisso aí eu também tenho, né? Porque nunca tive outra devoção”, lembra D. Balduína. “Toda vida eu gostei demais. Na hora que eles batem aqueles tambores, aquelas caixas, pra mim não tem um trem melhor, não. E quanto mais barulho faz, melhor eu acho. Eu posso ficar ali dia e noite, assim, andando pra lá, pra cá e acho que aquilo é muito bonito e muito bom. Eu me sinto bem”, relata.

No domingo, principal dia da Festa do Rosário de Paineiras, a programação já começou logo cedo. A comunidade se envolve na recepção das guardas de outras

idades, que nesta edição chegaram a 18, e partilha café da manhã, almoço e lanches coletivos ao longo do dia, acompanhando também as apresentações que acontecem até o momento da procissão pela cidade.

Na guarda da cidade de Paineiras, quem conduziu a turma durante as apresentações foi o capitão Carlito Teodoro. Ele também produz as músicas e faz os versos para os dançantes: “Este é um caminho que a gente caminha sem ver. A gente é escolhido pela Nossa Senhora. Ela vê que a gente tem aquela capacidade e, no meio de tantos, a gente é escolhido. E é um dom que vem de Deus, que pôs pra mim e pra gente. Eu tô aqui no lugar do outro capitão, mas Nossa Senhora viu que ele podia confiar essa guarda em mim até ele voltar”, ele conta.

A festa termina com uma missa após a procissão e o arreamento dos mastros. É o encerramento de um longo processo que conta com a participação de grande parte da população. Aldenice explica: “Toda a comunidade é envolvida nisso. Desde a recepção das guardas, a oferta do almoço, do café. Se não fosse o coração bom que a comunidade tem, a gente não ia conseguir dar tanta comida pra todo mundo. Eu acho que é um momento de renovação, de partilha. É um momento de amor mesmo, de fé, de devoção. Eu acho que mostra isso, a união da comunidade como um todo”.

MICROCRÉDITO DO ANEXO 1.1 – O QUE VOCÊ PRECISA SABER

Em julho de 2026, foram lançadas as primeiras linhas de microcrédito do Anexo 1.1 da Região 4, e as da Região 5 em agosto. Muitas pessoas ainda têm dúvidas sobre o programa e o acesso, por isso, trazemos aqui as respostas às perguntas mais frequentes que as pessoas atingidas têm trazido à equipe do Guaicuy.

Quais documentos preciso ter para solicitar o crédito?

São necessários:

- ▶ documento de identificação com foto e CPF;
- ▶ comprovante de renda familiar;
- ▶ número da conta bancária;
- ▶ comprovante de endereço.

Os comprovantes de endereço mais conhecidos são conta de energia ou água e escritura de imóvel, mas o Crédito Solidário também aceita conta de telefone, comprovante de cartão de crédito ou conta de banco, Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF) e outros. Se você não tem documentos formais para comprovação de endereço ou renda, entre em contato com o Crédito Solidário para avaliar alternativas.

Quem pode acessar as linhas de crédito?

Todas as pessoas atingidas podem **solicitar** acesso ao crédito. Os pedidos serão **avaliados** seguindo critérios como a capacidade de pagamento.

Como faço para solicitar o crédito?

A solicitação precisa ser feita presencialmente ao **Crédito Solidário**, instituição parceira da Entidade Gestora que é responsável pelos empréstimos. Com escritórios fixos em Pompéu e Felixlândia, o **Crédito Solidário** também faz plantões de atendimento nas comunidades e outros municípios atingidos.

Atenção: todo atendimento precisa ser agendado antes por telefone ou WhatsApp.

Nesse primeiro contato, a equipe do Crédito Solidário também oferece orientações às pessoas solicitantes, para que compareçam ao atendimento presencial bem informadas e com toda a documentação necessária.

Região 4: (37) 9872-0948 | **Região 5:** (38) 9728-8043

Posso solicitar mais de uma linha de crédito por vez?

Não. O primeiro empréstimo precisa ser quitado antes de solicitar um novo. Além disso, a prioridade é para quem ainda não contratou nenhuma linha de crédito, a fim de contemplar o maior número possível de pessoas.

Posso solicitar crédito com o CPF negativado?

Sim! A restrição no CPF não exclui a possibilidade de acessar o microcrédito. A solicitação será avaliada, como todas as outras. A pessoa pode receber orientações financeiras e opções de linhas que correspondam à sua realidade.